



Em torno à noção de indivíduo no Homo Hierarquicus de Louis Dumont

Pedro Agostinho*

No pensamento antropológico de Louis Dumont é central a oposição entre sociedades que define como holístico-hierárquicas e individualístico-igualitárias, quando consideradas em seu nível ideológico. Como exemplos extremos aponta a sociedade hindu, que ele mesmo descreve, e a norte-americana, que Alexis de Toqueville descreveu. Nesse contexto, a noção de indivíduo é fundamental. Discute-se aqui, formalizando-a, a questão do indivíduo e sua emergência na Índia e no Ocidente de influência iluminista.

*Professor Adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia

Centrada na obra maior de Louis Dumont, a discussão que aqui pretendo não se quer necessariamente crítica, ou será, no máximo, apenas parcialmente crítica, porque se constitui, antes de tudo, em tentativa de traduzir para mim mesmo uma das noções cruciais de sua reflexão: a de indivíduo. Não é só o fato de a considerar crucial que a isso me leva, no entanto; de maior peso foi, sem dúvida, ter sido essa a questão que mais problemas levantou no seminário que, sobre Dumont, Luís Tarlei de Aragão conduziu no Museu Nacional¹. Exatamente por isso parece reclamar que sobre ela se volte; ao fazê-lo, porém, não acompanharei sempre, de perto e na íntegra, o que diz aquele autor, ficando obrigado tão **só a** cingir-me àquilo que achar essencial, e simultaneamente desobrigado de manter a argumentação nos mesmos termos e limites em que ele a desenvolve. E isto pelas exigências do gênero de tradução que agora tento. Ao mesmo tempo, e apesar de as exposições e o debate em seminário terem sido importantes para iluminar a leitura de Dumont, por um deliberado esforço procurei abstrair-me deles para pensar, o mais possível, a partir de seus próprios escritos. Daí que na lista bibliográfica só estes figurem, e que, tomando-os como base de uma reflexão que por força será breve e provisória, me exima de constantes citações e referências bibliográficas.

Atendo-me ao nível do ideológico, no qual se move Dumont sem que semelhante mover-se implique em

¹ Rio de Janeiro, segundo semestre de 1979. Esta artigo é uma versão reformulada e restringida, do texto que nessa altura escrevi.

negar o empírico - retomar seu caminho da Índia ao Ocidente afigura-se como a melhor via para, da compreensão do que seja ali o indivíduo ("renunciante"), chegar à do que ele seria no Ocidente moderno. Para tanto tomarei, como instrumentos principais, por um lado o esboço de teoria dos sistemas que adota na **Introduction a deux theories d'anthropologie sociale**, e, por outro, o posfácio à edição Tel do **Homo Hierarchicus**, "**Vers une théorie de l'hierarchie**". Quer isto dizer que estarei, no quadro deste artigo, raciocinando em termos estruturais (stricto sensu) e sistêmicos tais como ele os define; mas não que acarrete, de modo imediato e completo, a aceitação de suas idéias, que se ocorrer ocorrerá no futuro e como resultado de uma reflexão referida ao plano do observável. Quer também dizer que, se algo o pode tipificar, o que aqui faço se resume a uma busca de compreensão do outro — no caso Dumont.

Ele, o autor, reconhece como comum a qualquer sociedade o agente social empírico, ou, noutras palavras que não são as suas, o organismo humano socializado, enculturado e culturalizado observável tanto por aqueles que com ele participam da condição de membros da sociedade, quanto pelos que a ela forem estranhos. É esse agente empírico que, ao ser retomado como objeto de pensamento pela ideologia, passa a se ver representado de modos que podem divergir radicalmente, conforme a sociedade seja vista sob uma perspectiva atomizante ou, pelo contrário, totalizadora. De tais perspectivas seriam instâncias extremas o individualismo do Ocidente moderno, e seu oposto, o holismo que Dumont encontra na

Índia tradicional — com o concomitante e respectivo reconhecimento do igualitarismo e da hierarquia como princípios fundamentais da organização da sociedade. Creio que esse agente empírico me poderá servir, aqui, de ponte entre uma e outra perspectiva, de modo a numa e noutra situar o indivíduo, entendido este no sentido que lhe dá Dumont.

Com desculpável exagero, seria possível dizer que na ideologia do sistema de castas hindu (jati) o futuro agente já é social antes de ser socializado, na medida em que, ao nascer, o organismo que surge na população tem já uma posição aprioristicamente dada no sistema, que ao seu aspecto biológico acrescenta outro de ordem cultural. Essa posição, à qual só lhe é dado escapar pela morte (?), pela expulsão definitiva de sua casta, ou pela renúncia, define-se não por qualquer qualidade substancial que lhe seja intrínseca, mas sim por suas relações, isto é, pela totalidade de oposições distintivas entre ele e os demais elementos dos conjuntos que compõem o sistema, em seus vários níveis. Partindo do mais elevado e abrangente, que é o do sistema no seu todo, ficam no nível imediatamente inferior as castas, as quais, se são subsistemas porquanto internamente estruturadas, são também elemento componente do conjunto maior. Por sua vez, opondo-se entre si tal como as castas se opõem umas às outras, as subcastas apresentam-se como elementos do subsistema que é a casta, e ainda como subsistemas compostos por elementos. Estes elementos, mínimos, são os status ocupados pelos agentes (peçoas) de que atrás falei, membros da subcasta, que têm seus status definidos por aquela totalidade de opo-

sições distintas. Elas, no entanto, só se dão, diretamente, entre os ocupantes de status diversos no interior de uma subcasta qualquer: deste nível para cima, as oposições distintas são mediadas pelos subsistemas de nível gradativamente superior reconhecidos no sistema global, ou seja, pelas subcastas e castas.

Se o status atribuído ao agente quando nasce lhe advém da sociedade de castas, sua permanência nele depende não só dela como de sua ação pessoal, na medida em que as pertinentes oposições distintas são aí feitas em termos de valor, e em que todas elas podem ser reduzidas à oposição fundamental entre o **puro** e o **impuro**: e também na medida em que o grau de pureza está sujeito a ser diminuído ou anulado por circunstâncias ou fatores de poluição, que constante e obrigatoriamente no cotidiano se fazem presentes. Assim, e do ponto de vista de cada agente particular imerso no sistema, é como se seu status dependesse da manutenção de uma pureza média", que atos de purificação podem restaurar após o fato poluidor, ou, o que me parece mais interessante, garantir antes mesmo de que ele ocorra. É o que por exemplo se dá — se não estiver errada a interpretação — com o purificar-se do Brahman antes da refeição, "aumentando-lhe" a pureza na previsão de que ela se veja diminuída pela introdução de alimento no corpo: esse "aumento preventivo" teria por resultado reconduzir o agente, após comer, ao estado ritual de "pureza média" compatível com seu status atribuído. Ao impedir uma perda de pureza, impede uma simultânea e proporcional queda de status; e isto é, no sistema, o que realmente importa.

Por outro lado, o exato cumprimento de todas as prescrições e evitações permite ocupar, a maior parte do tempo, a posição mais elevada que por nascimento seja atribuída. Teoricamente, e sob tais condições, cada agente parece não poder estar, nunca, num grau de pureza com exata equivalência ao de qualquer dos outros, em relação aos quais a dele varia quase que a todo instante; varia, o que é mais, em relação a si mesmo, se da consideração sincrônica passarmos à diacronia de seu viver cotidiano. Sendo assim, uma igualdade dos agentes e dos status seria, momento a momento, conceitualmente quase impossível no sistema de castas. Por sua parte, as castas e subcastas também se opõem em termos de pureza relativa, em grande parte derivada do lugar que ocupam na divisão sócio-ritual do trabalho, mas não apenas disso. Uma infinidade de indicadores pode ser usada para estabelecer as oposições distintas pertinentes no classificar dos vários elementos que ocupam os sucessivos níveis do sistema, mas tais indicadores apontarão sempre uma pureza maior ou menor e são, em última análise, atualizadores da oposição básica e prevalente entre o **puro** e o **impuro**.

Se essa oposição for agora representada por um conceito central, pureza (P), qualificado por um sinal positivo ou negativo, em que P+ = **puro** e P- = **impuro**, emerge que a oposição distinta {P+: P-}, sendo também valorativa, não só distingue como hierarquiza entre eles os elementos dos diferentes níveis do sistema. E esses elementos, não é preciso dizê-lo, opõem-se e hierarquizam-se, enquanto tal, em relação ao sistema total que em si os tem englobados. Retornando aos

elementos e à sua oposição, mediada pelos níveis aqui reconhecidos no sistema de castas, tentarei um esboço de formalização capaz de expressar a partir da perspectiva de um agente que o veja a partir de dentro, e, simultaneamente, da perspectiva de um observador que lhe seja externo. Ao fazê-lo, por um artifício de método ignorarei a multiplicidade empírica do incontável e variante número de castas, e buscarei captar o conjunto mínimo de relações elementares e necessárias que presidem à estruturação do sistema.

Para formalizar, usarei uma notação simples, em que H indica o sistema holístico de castas; S o status ou posição do agente no sistema, qualificado pela posposição dos sinais ⁺ ou ⁻ significando, como atrás em P⁺ e P⁻, os dois diferentes e possíveis graus de pureza relativa numa oposição distintiva e hierarquizante, isto é, entre um status definido por maior pureza e outro por pureza menor. Esses sinais qualificam da mesma maneira os níveis superiores do sistema, quando escritos imediatamente após os que sinalizam os limites de tais níveis, parênteses para a subcasta e colchetes para casta. Dois pontos significam oposição distintiva, e as chaves demarcam o "mundo das castas". Na primeira fórmula apresentada, o sublinhado aponta progressivamente o status pessoal, a subcasta e a casta do que chamarei "agente social de referência" e julguei necessário isolar. E nas outras fórmulas, o mesmo sublinhado indica o elemento E ao ser tomado como referência na discussão. Guardando coerência com o nosso sistema de escrita, nas fórmulas a hierarquia decresce da esquerda para a direita. A existência de status pessoal, subcasta e casta

de um "agente de referência" exige introduzir-se um valor "neutro", expresso pelo sinal [±], a partir do qual se distinga o que está abaixo e acima dele em pureza e correlativo status. Por fim, a argumentação levará a considerar uma instância em que a oposição distintiva não se dará em termos de pureza superior ou inferior, mas sim em função da presença ou ausência de pureza como critério de classificação social. Assim, [±]P e P apontarão, respetivamente, essa presença ou ausência no mais alto dos níveis daquilo a que adiante chamarei "sistema hindu"; e os sinais < e > demarcarão os limites deste último. Resumindo:

H = sistema holístico de castas ("mundo das castas").

SH = "sistema hindu" englobante.

P = pureza relativa, critério classificatório.

P⁺ = pureza superior (relativamente puro).

P⁻ = pureza inferior (relativamente impuro).

[±]P = presença/aplicação do critério de pureza.

P = ausência/não-aplicação do critério de pureza.

S = status.

£ = status do agente de referência.

E = elemento, em qualquer nível do sistema.

E = elemento de referência, em qualquer nível do sistema.

S⁺ = status de pureza superior (=puro).

S- = status de pureza inferior (=impuro).

E+ = elemento de pureza superior, em qualquer nível do sistema.

E- = elemento de pureza inferior, em qualquer nível do sistema.

* = valor de pureza neutro, relativamente (p. ex. E#, S#).

= oposição distintiva entre quaisquer elementos E do sistema.

+ = englobamento de dois elementos E de qualquer nível do sistema, para se oporem a um terceiro.

() = limites de subcasta.

() = limites de subcasta, do "agente de referência".

[] = limites de casta.

[] = limites de casta, do "agente de referência".

{ } = limites do sistema de castas ("mundo das castas").

// = limites do conjunto dos "renunciantes".

<> = limites do "sistema hindu".

+ = posposto ao demarcador final dos limites de qualquer nível do sistema: pureza superior desse nível.

- = posposto ao demarcador final dos limites de qualquer nível do sistema: pureza inferior desse nível.

Uma primeira aproximação permite chegar ao resultado expresso na fórmula que adiante segue. Nela

e a partir dos elementos marcados como "neutros", vê-se como se constróem as oposições que garantem a posição hierárquica do agente de referência", e como elas se fazem de forma direta ou indireta — neste último caso, sempre mediadas pelos subsistemas do sistema total do "mundo das castas":

(VIDE PÁGINA SEGUINTE, FIGURA)

É essa, parece-me, a fórmula geral dedutível de toda a exposição de Dumont (v. esp. 1972:95), ficando nela patente a necessidade, para que chama a atenção, de, ao menos, empregar dois indicadores de pureza relativa na classificação de qualquer elemento E do sistema que se tome como referência. Este será, por isso, E#, sendo E- em relação ao elemento E+ que lhe fique acima de acordo com determinado indicador, e E+ em relação a um E- que lhe esteja abaixo conforme o segundo indicador usado. Além disso, o uso de dois indicadores e de duas posições sucessivas faz com que, sendo E# o elemento de referência, em um primeiro momento $\{[E^+ + E^-]^+ : E\}$, e no seguinte $\{E^+ : [E^+ + E^-]^-\}$. Isso implica na complementaridade de todos os elementos do sistema, que só se definem e existem na oposição (hierarquizante) a seus contrários, e em que o conjunto das oposições é que define os limites do sistema. Como é deste, no entanto, que deriva cada um dos elementos posicionais, e como estes são preenchidos por agente ou agentes sociais que o são na qualidade de pessoas cujo status e, essencialmente, atribuído, no interior do sistema de castas hindu o indivíduo (stricto sensu) não é ideologicamente possível, só o sendo em seu exterior: e é aí que ele emerge, na

H=([(S+:S-)+:(S+:S-)]+:[(S+:S-)+:(S+:S#-S-):#:(S+:S-)-]#:[(S+:S-)+:(S+:S-)-]-]-}

qualidade do renunciante religioso que se situa para além da oposição puro : impuro.

Até entrar em linha de conta a questão do indivíduo renunciante, o sistema de castas, se é complicado, da perspectiva de Dumont não é difícil de entender. O problema surge é exatamente neste ponto. Ao indivíduo o autor se refere ora como "fora do sistema de castas", ora como "fora do mundo", ora como "fora da sociedade"—sendo este "fora da sociedade" que se me afigura problemático. É fácil admitir que estar "fora do sistema de castas" seja estar "fora do mundo", pois a delimitação ideológica daquele sistema cria, por si mesma, a representação de um "mundo" socialmente dado, isto é, de uma ordem regida pela oposição puro.: impuro. O que a esta fuja estará, portanto, inapelavelmente fora des-se "mundo", que é, no caso, um "mundo" hindu por essa sociedade e religião criado. Isto exclui, de pronto, não só o renunciante mas as outras religiões — historicamente tardias na Índia —, como a dos maometanos e a dos cristãos com suas diversas denominações, e pelo menos a de uma seita (Lingayat) que não obedece, ao organizar-se socialmente, àquela oposição.

Mas se essas manifestações religiosas tardias, e o renunciante também, se acham fora—que Dumont me permita a paráfrase—do "mundo do sistema de castas hindu" (embora às vezes seja nítida a influência que dele sofreram), custa-me aceitar que estejam "fora da sociedade" hindu. Aceitando-o fi-

caria, na qualidade de observador, obrigado a reconhecer na Índia uma imensa coleção de "sociedades" justapostas, quando o que ali percebo é uma grande sociedade diversificada onde o sistema hindu é apenas um dos subsistemas que nela coexistem. Mais antigo sem dúvida, mas sincronicamente de estatuto muito próximo — só não o tendo igual por ser o dominante — ao dos outros subsistemas. Assim, estaria tentado, para meu uso enquanto observador, a estabelecer separação entre o conceito de um "mundo hindu" e o de uma "sociedade indiana". Com isto, lidar com o renunciante parece tornar-se mais simples, pois, se lhe é possível renunciar ao "mundo hindu", não vejo modo pelo qual o possa fazer quanto à "sociedade indiana"² : ideologicamente porque esta lhe reserva um locus conceituai, ignoro se de forma explícita ou implícita; e empiricamente porque nela

2. Poderia imaginar-se a hipotética exceção de um renunciante que ao renunciar emigrasse, excluindo-se, tanto ideologicamente do "mundo das castas", quanto empiricamente da sociedade e da população indianas. Mas, ainda que o fizesse, ao sair das três e por seu próprio ato de renúncia, estaria passando a uma posição possível e admitida na ideologia do "mundo das castas" e de seu complemento, o renunciante. Sendo, portanto, pela mesma sempre ideologicamente atingido, em sua implícita qualidade de "indiano". A isto voltarei, quando tratar da distinção entre o "mundo das castas" e o que designarei de "sistema hindu".

existe e subsiste, e só nela pode existir e subsistir no estado³ de quem renuncia ao "mundo das castas".

Renunciante o considerarei agora, única e exclusivamente, em relação a esse "mundo", prosseguindo o raciocínio, se puder, até às consequências últimas da abordagem estrutural e sistêmica desde o princípio adotada. As limitações de meu conhecimento etnográfico da Índia e a evidente falta de um contato de campo, fazem com que muito do que se segue seja consciente especulação e conjectura.

A essa especulação, apresenta-se como primeiro dado que, para Dumont, a oposição do puro e do impuro. P+: P, é, diria eu, a própria atualização do princípio da hierarquia; não se submetendo a ela o renunciante, está de imediato fora de qualquer possível posição no interior do "mundo das castas", e escapa, é claro, da hierarquia que nesse interior vigora. Sem me referir ao empírico, e continuando no plano do ideológico, se alguém se furta ao status atribuído pela sociedade e transita para o estado liminar de renunciante, só o faz porque esse estado é, também ele, previsto pelo sistema de castas como uma posição que lhe é externa. Para um agente socializado no "mundo das castas", renunciar só é factível por estar a renúncia, tanto quanto a

3. Emprego "estado" no sentido que lhe dá Victor Turner: "É um conceito mais amplo do que "status" ou "função", e refere-se a qualquer tipo de condição estável ou recorrente, culturalmente reconhecida." (O processo ritual. Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda., 1974: 116).

posição que ela permite adquirir (adquirir, note-se), incluída como uma das alternativas em sua cultura.

Sendo assim, nova oposição distintiva haveria, então, desta vez entre o fora e o dentro, ou—para manter a simetria com os citados critério e princípio organizador—, entre um campo social onde pureza é critério relevante de classificação, e um outro em que ela não o é. Denotando agora, com os sinais + ou- precedendo o P significante de pureza, sua relevância ou irrelevância, sua presença ou ausência como critério para assignar posições sociais, a oposição entre o indivíduo renunciante e o "mundo das castas" em seu todo expressar-se-ia $^+P : -P$, sendo ^+P o campo correspondente ao sistema de castas, e $-P$ o campo ocupado pelo renunciante. Noutras palavras, mais adequadas ao pensamento de Dumont, ^+P e $-P$ definem sub-conjuntos de um conjunto dentro do qual contrastivamente se opõem. Unindo esse princípio ao princípio de hierarquia do sistema de castas, e antepondo este sistema ao renunciante que dele e nele se origina, obter-se-ia para a operação combinada de ambos a expressão $\{^+P=P^+ : P-\} : -P$. Lembrando que em fórmula anterior as chaves indicaram o limite do "mundo do sistema de castas", lê-se, então, que "no subconjunto onde o critério de pureza é relevante, o princípio organizador é a oposição puro : impuro; e no conjunto que o contém, o princípio organizador seria a oposição presença do critério de pureza: ausência do critério de pureza".

A esta altura, parece impor-se a idéia de que a ideologia hindu não se detém no sistema de castas, e de que a figura do renunciante pressu-

põe um sistema mais abrangente — onde a oposição distintiva relevante obedece ao segundo dos princípios indicados, tendo como elementos posicionais o "mundo das castas" e seu oposto, o renunciante. Ou, para ser mais preciso, o campo em que todos os renunciantes possíveis se inserem, formando conjunto distinto. O "mundo das castas" seria pois um subsistema do todo maior, um "mundo" que se define como tal e fora do qual está o renunciante, sem que este deixe por isso de ser parte do sistema total e abrangente. Se ao primeiro chamei "mundo das castas", ao segundo, para o distinguir e qualificar, chamaria simplesmente "sistema hindu", situando-se, cada um dos dois, em níveis diferentes e específicos. Estando isso correto, obrigatório será reescrever a fórmula da oposição entre esses dois termos, para introduzir nela a demarcação dos limites do conjunto total que os contém e engloba, ou seja, dos limites do "sistema hindu": $SH = \langle \{^+P = F+ : P-\} : P \rangle$.

Não sendo essa embora a consciência que de seu sistema têm o renunciante e o agente integrado no "mundo das castas", a um observador, disposto a acompanhar até ao fim as idéias de Dumont, caberia perguntar se o que foi dito acima não obriga a reconhecer, no que denominei "sistema hindu", também um todo (holístico) e sua inerente hierarquia. Esta, pelo menos, na "relation englobant-englobé ou relation entre l'ensemble et l'élément (...) indispensable a une pensée structurale au même titre que l'opposition distinctive ou relation de complémentarité" (Dumont 1966b: 401) que aquele reconhecimento fatalmente acarreta. Nova pergunta surge então, sobre se haveria hierarquização

entre indivíduo-renunciante e "mundo das castas", em termos de valor.

Intervém aqui, mais uma vez, minha escassa familiaridade com a etnografia indiana; mas certos fatos inclinar-me-iam para uma resposta afirmativa. A reverência das seitas hindus, que atuam no "mundo", pela autoridade de seus gurus que estão fora dele, seria um indício; outro, a difusão do vegetarianismo, ou, de modo mais geral, de ahimsa. no seio de um processo de emulação religiosa em que o Brahman adota tal dieta para não se tornar inferior ao renunciante. Sendo o vegetarianismo das dietas a mais pura, fico diante de uma séria suspeita: a de que, mesmo pondo-se quem renuncia para além do puro e do impuro, na distinção entre ele e o "mundo das castas" continue operante o princípio de oposição puro : impuro.. Quando mais não seja, do ponto de vista dos agentes que não saíam do "mundo". Queria isto dizer que, pelo menos em um primeiro momento histórico, o valor do renunciante seria superior ao do Brahman e por isso ao do "mundo das castas"; e que, portanto, no "sistema hindu" os dois elementos estariam hierarquizados. Paradoxalmente, renunciar a pautar-se pelo critério de pureza traria pureza maior; noutras palavras, -P acarretaria P⁺.⁴

4 Levar tal raciocínio a seu extremo lógico seria, talvez, surpreendente, desde que provisoriamente se admita que ele esteja certo. Isto obrigaria a reescrever de novo a última fórmula proposta. Nela, **SH** continuaria a indicar o "sistema hindu" englobante a que pertencem, como subsistemas, o conjunto

Não obstante a argumentação dos dois parágrafos anteriores, resta o dado etnográfico de que na consciência e na ação os que não renunciaram se orientam para o todo e por ele holisticamente se pautam; enquanto o renunciante se orienta para si e para a supressão de qualquer desejo capaz de o desviar do caminho da salvação. O social para ele não importa; o que importa é exatamente o seu contrário, e isso o transforma em indivíduo: sendo fundamental que este se defina pela oposição distintiva ao "mundo" que lógica e temporalmente o antecede na ideologia do sistema de castas. E que, individualizando-se por um ato de vontade que rejeita o social (tal como este é ideologicamente representado), se caracteriza como um "indivíduo endógeno" — pois aquele seu ato volitivo o leva, do social que lhe atribui uma posição, a um não-social onde a posição só pode ser voluntariamente adquirida. Se, para a Índia hindu, a caracterização do indivíduo como "endógeno" for válida, talvez então sirva para o contrastar com seu gênero do Ocidente europeu.

Da maneira como Dumont o descobre na ideologia ocidental, o agente social é representado como indivíduo que em si se contém e contém em si a essência do humano. O organismo independente não precisaria aí de socialização para humanizar-se: sua humanidade lhe é naturalmente dada no homem natural, que, entidade biológica, é

constituído pelo "mundo das castas", e o conjunto, atomístico, que lhe é externo e está formado (ou ocupado, enquanto campo) pela totalidade dos "renunciantes" — e que o estaria ainda que destes, por hipótese, houvesse apenas um. Este SH, no plano conceitual, apresentar-se-ia então como subsistema que, tomado globalmen-

também e sobretudo um "sujeito pensante" (Dumont 1972: 44), ou, diria eu agora, uma entidade dotada de cultura no sentido genérico do termo. O que não é reconhecido é que ser pensante e portador-criador de cultura derive da construção do agente pela sociedade, e que o passo básico desse processo seja o de atribuir uma posição culturalmente predeterminada ao organismo que surge na população. Pelo contrário: é por um ato de vontade que o indivíduo já plenamente dotado literalmente se associa a outros de igual teor, e que, assim, contratualmente constrói a sociedade. Sob esta perspectiva, ela é um meio que se deve adequar aos fins do indivíduo, e nisto estaria o essencial da ideologia individualista, que elimina a noção de uma totalidade social em cujo sentido seus membros se orientem. Associados para melhor se dirigirem a fins, os indivíduos que o fazem criam, no dizer de Dumont, um "indivíduo coletivo" composto de elementos todos iguais. Admitida a igualdade entre os agentes da construída sociedade, desaparece qualquer meio de entre eles estabelecer oposições distintivas, pois cara estas o contrário e não o igual e exigido, desaparecendo com isso também, no plano do ideológico, um ordenamento estrutural-hierárquico dessa parcela da realidade.

Ao observador externo, porém, parece-me dado discernir, implícita na ideologia ocidental, uma oposição distintiva e hierarquizante — a que existe entre o indivíduo propriamente dito e o "indivíduo coletivo" que de sua associação resulta. Ou entre o indivíduo e a sociedade, entre a unidade discreta e um alter plural, estando o valor mais alto com aquela e não com este, fatalidade inevitável mas sempre

limitadora. Na medida em que o indivíduo ocidental se opõe ao conjunto de agentes tidos como voluntariamente unidos em sociedade (associativa), torna-se possível compará-lo ao indivíduo indiano, hindu, oposto ao conjunto de agentes aprioristicamente interdependentes na sociedade (holística), a que prefiro continuar chamando "mundo das castas". Nessa oposição a seu contrário, que é o conjunto do mundo social como as respectivas ideologias o definem, equalizam-se o indivíduo da Índia e o do Ocidente — para logo a seguir voltarem a se opor. Porque se o indivíduo hindu é endógeno e emerge da sociedade ("mundo das castas") que lhe

te, teria, em nível mais alto, o estatuto de elemento do sistema que é a "sociedade indiana". Por sua vez, os sinais / e / indicariam os limites do conjunto dos "renunciantes". Tomando agora em conta a presença ou ausência do critério de pureza como operador classificatório interno nos dois subsistemas que compõem o "sistema hindu"; admitindo a por mim suposta hierarquização entre o subsistema em que está internamente ausente o critério de pureza (posição hierárquica superior) e aquele em que ele está presente (posição hierárquica inferior); e aceitando, condicionalmente, que essa hierarquização entre os subsistemas se daria por ser um considerado mais puro que o outro, seria possível a fórmula que segue

SH = </-P/*: { *P = P*:P- }->

e que se lê: "O "sistema hindu" englobante, no seu nível mais elevado, seria igual a dois sub-conjuntos opostos e hierarquizados entre si em termos de pureza, superior e inferior, que são o dos "renunciantes" e o do "mundo das castas". Em seu nível imediatamente inferior, interno aos sub-conjuntos, no primeiro destes (o dos "renunciantes") o

preexiste, o ocidental seria exógeno por preexistir à sociedade na qual um ato de vontade o imerge — ou o faz criá-la. Deste modo, duas oposições distintivas nos respectivos domínios permitiram aproximar e comparar os indivíduos de culturas muito distantes, para logo uma terceira (endógeno: exógeno) garantir a cada um sua especificidade inegável, sem perder de vista a tentativa de manter, sempre, uma abordagem estrutural. Se esta tradução de Dumont foi fiel ou traidora, só outros o poderão dizer.

Bahia, 16.03/15.05.1993

Referências

Bibliográficas

DUMONT, Louis

1965 *The modern conception of the individual. Notes on its Genesis.*

critério de pureza não opera para classificar os indivíduos que o compõem; no segundo (o do "mundo das castas"), o critério de pureza opera universal e sistematicamente para hierarquizar em superiores e inferiores as castas, subcastas e status pessoais daqueles que lhe pertencem".

Assim se expressaria, portanto, o "sistema hindu" como sistema holístico regido, até em seu nível mais elevado, pelo princípio da hierarquia e pela valorização da pureza como critério classificador. Nessa fórmula o elemento de mais alta posição hierárquica parece ser, precisamente, o único dos subsistemas englobados em cujo interior não se aplica, para classificar, o critério de pureza com a decorrente hierarquização. No campo a que os "renunciantes" pertencem, por

Contributions to Indian Sociology, [s.l.], n.8, p.13-61. (Versão francesa: *Esprit*, n.14, p.18-54, fev. 1978).

1966a Préface a l'édition Tel. In: - **Homo Hierarchicus**. Paris: Gallimard, p.1-39.

1966b Postface pour l'édition Tel. Vers une théorie de l'hierarchie. In: **Homo Hierarchicus**. Paris: Gallimard, p.396-403.

1968 Préface. In: **Les Nuer**. Paris: Gallimard, p.1-15.

1971 Religion, politics and society in the individualistic universe. In: **Proceedings of the Royal Anthropological Institute for 1970**. London: fs.n.J, p. 31-41.

1971 *Introduction a deux théories d'anthropologie sociale*. Paris/La Haye: Mouton.

1972 **Homo Hierarchicus**. London: Granada Publishing (Paladin). Especialmente parágrafos 1-7, 11, 21-26, 31-37, 42.3, 43, 51, 56, 57, 61, 63-65, 71, 81,

definição conjunto de indivíduos, estes, enquanto tal, estariam equalizados entre si. Impor-se-ia, então, concluir que no "sistema hindu" englobante, regido por princípios holístico-hierárquicos inegáveis e seu critério classificatório absoluto, o topo da hierarquia, o máximo de pureza, estariam atualizados por um subsistema no seio do qual imperam os princípios opostos, isto é, princípios individualístico-equalitários que eliminam a aplicação daquele critério? É isto que surpreende.

84.4, 91-97, 101-108, 111-119).

1975 *La communauté de village de Munro à Maine*. In: **La civilization indienne et nous**. Paris: Armand Colin, p.111-141.

1977a *Une étude comparative de l'idéologie moderne et de la place en elle de la pensée économique*. In: **Homo Aequalis**. Paris: Gallimard, p.1 1-40.

1977b Caste, racism, and "stratification": reflection of a social anthropologist. In: DOLGIN, J. L., KEMNFTZER, D. S., SCHNEIDER, D. S., (orgs.). **Symbolic anthropology**. New York: Columbia University, p.72-88.

1992 **Homo Hierarchicus**. O sistema de castas e suas implicações. S.Paulo: EDUSP.

1975 *Introducción a dos teorías de la antropología social*. 1975. Trad. de Dumont, 1971. Barcelona: Anagrama.

Obs.: Excluí da presente consideração o cerne do Homo Aequalis, reservando-o para tratamento posterior. Por razões práticas, trabalhei especialmente com a edição inglesa de Homo Hierarchicus (1972).